

RUA VENDA GRANDE

Ato de 07-11-1908

Formada pela antes denominado beco Francisco Teodoro

Início na rua Francisco Teodoro

Término no balão de retorno

Vila Industrial

Obs. Ato assinado pelo Prefeito Municipal de Campinas Orosimbo Maia.

VENDA GRANDE

Na fazenda da Lagoa, pertencente aos herdeiros de Teodoro Tomás Leite, mais propriamente no engenho dessa propriedade, nas proximidades de um estabelecimento conhecido pelo nome de Venda Grande, há cerca de uma légua e meia do centro da cidade, verificou-se no dia 07-junho-1842, o chamado Combate da Venda Grande, episódio da Revolução Liberal chefiada pelo Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, em Sorocaba. A revolta dos liberais devia-se às extravagancias do Partido Conservador que, decretando reformas de algumas leis, armou-se, fortaleceu-se no poder, e com desmandos e menosprezo ao povo, passou a provocar protestos populares ao Imperador, sem no entanto, lograr êxito. Tobias de Aguiar instala o governo rebelde em Sorocaba, com apoio de Dio^g Antonio Feijó, do senador Vergueiro, dos Andradas, Paula Souza, Rodrigues dos Santos e outros. Com o propósito de evitar um ataque àquela cidade ou para retardar o avanço das tropas do Império, comandadas por Caxias, que já se encontravam em São Paulo, decidiu-se formar um batalhão em Campinas. Mesmo com os esforços do fazendeiro Antonio Manoel Teixeira, do sítio "Paula à Pique" e ardorosa campanha de Reginaldo de Moraes Sales por toda a região, não se conquistou a maioria do povo em Campinas. O batalhão, organizado por Antonio Manoel Teixeira, e que em obediência a despacho de Rafael Tobias de Aguiar se concentrou na "Venda Grande", sob o comando do Capitão Boaventura do Amaral, não somaria mais que uns 200 piões, constituídos por ituanos, sorocabanos e campineiros. Caxias que havia estacionado suas tropas em Pinheiros, na capital paulista, segue diretamente para Sorocaba, porém, destaca um grupo de soldados tendo a frente o Tenente Coronel José Vicente de Amorim Bezerra para atacar o reduto de Campinas. Aqui, com a milícia da Guarda Nacional do Coronel Franco de Andrade e a jagunçada arrebanhada pelo padre João José Vieira Ramalho, em Mogi Mirim atacam os "chimangos" de Venda Grande. Civis, em sua maioria, inexperientes das coisas da guerra, os comandados de Boaventura do Amaral são surpreendidos, quando dormiam, na noite de 07-junho e

foram massacrados pela soldadesca do Tenente Coronel Amorim Bezerra, profissionais, acostumados à luta. Houve trocas de tiros e debandada dos provincianos, todavia, o Capitão Boaventura do Amaral recusa-se render. O dr. Ricardo Gumbleton Daunt em seu trabalho intitulado "Reminicências do Distrito de Campinas, em Bairro, Freguezia e Vila" refere-se a este episódio, com estas palavras: "Houve a debandada dos provincianos, mas o Capitão Boaventura não cuidava de si - recusou a abandonar seu posto, e quando se viu cercado pelo inimigo quis constituir-se prisioneiro de um oficial de quem, no sul, fôra camarada de armas, a fim de obter a garantia de sua vida. Ele ofereceu sua espada ao oficial, e o infame, rindo-se, virou as costas, deixando o paulista à mercê da tropa. Prenderam-no e, no ato, brutalmente o feriram, levando-o para a casa da antiga fazenda que era sobrado. Aí atiraram-no a uma cama e na mesma noite os soldados o assassinaram a sangue frio". Em sua debandada os revoltosos deixam no campo armas e munições, sofrendo a baixa de 17 mortos e 15 prisioneiros nas mãos dos legalistas. Estes perderam dois homens e tiveram nove feridos. No local onde se verificou o combate de Venda Grande, no antigo Engenho da Lagoa, hoje bairro dos Amaraes, o Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas fez inaugurar em 28-agosto-1956, um marco, de granito rosa em base de concreto.



DENOMINAÇÃO DE RUAS

Orosimbo Maia, Prefeito Municipal de Campinas, etc.

Faço publico que, em virtude de deliberação da Camara Municipal, em diversas datas, foram dadas as seguintes denominações ás ruas do bairro da Villa Industrial, desta cidade:

João Theodoro — da rua Dr. Salles Oliveira para a chacara da «Arvore Grandes»;

Dr. Pereira Lima — do logar onde se bifurcam a estrada velha de Limeira e a que segue até a rua Dr. Salles Oliveira;

Alferes Raymundo — da rua Dr. Salles Oliveira (fundos das officinas da Companhia Mogyana) até o campo;

Barão de Monte-Mór — da rua Francisco Theodoro (á esquerda da Imigração) até o campo;

Francisco Egidio — da mesma rua (á direita da Imigração) até o campo;

Amador Bueno — da esquina de Abraham Frainer (rua Francisco Theodoro) para o campo;

Antonio Manoel — da rua Francisco Theodoro até a chacara de Roberto Paton;

X *Venda Grande* — ao becco situado na rua Fran- X
cisco Theodoro;

Prudente de Moraes — dessa rua para o caminho do Matadouro;

Rangel Prestana — da mesma rua até a chacara de Raphael Pisani;

Corrêa de Lemos — da rua Francisco Theodoro para o «Parque Corrêa de Lemos»;

S. Carlos — da mesma rua Francisco Theodoro até o citado jardim;

João Jorge — a antiga Avenida Municipal.

Em observancia do art. 7.º da lei n. 87, de 10 de Março de 1902, e para conhecimento de todos, expede-se o presente. Eu, Leopoldo Amaral, secretario, o escrevi.

Campinas, 7 de Novembro de 1908.

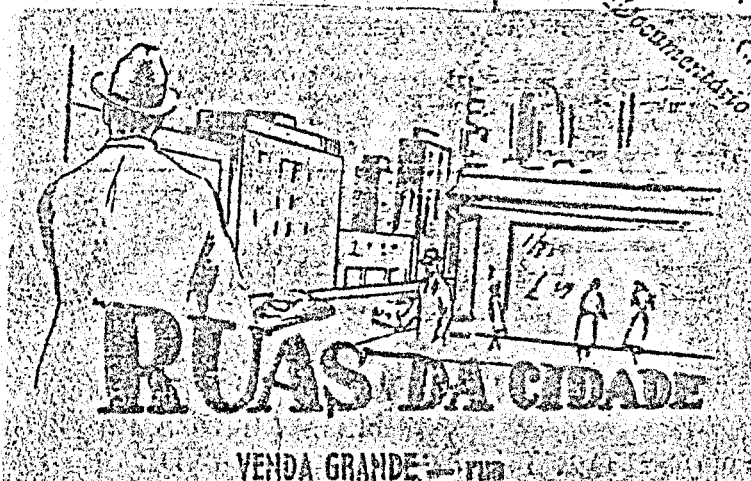
OROSIMBO MAIA.

(Extraído da página 48 do livro "Leis, Resoluções e Mais Actos da Câmara Municipal de Campinas em 1908).



DIÁRIO DO Povo

6 DE ABRIL DE 1956

B. P. M. Sec. E. M. Zink
Campinas

Começa na Francisco Teodoro. Fica entre as ruas Antonio Manoel e Prudente de Moraes, na VILA INDUSTRIAL. A denominação foi dada pela Ato de 7 de novembro de 1908. Chamou-se, antes, Bêco Francisco Teodoro. Tem 12 metros de largura.

HISTÓRICO Segundo a história, no dia 6 de janeiro de 1842, chegaram a Campinas 200 soldados (chamados piculifos), sob o comando do Tte. Coronel Amorim Bezerra. Parte dessa tropa marchou, no mesmo dia, para um local nas proximidades de Campinas, chamado Venda Grande, onde, no dia 7, deu-se o Combate de Venda Grande. Neste lugar havia o Engenho da Lagôa, de propriedade do Capitão Teodoro Leite Pentendo, sogro do Dr. Francisco de Assis Rupo.

Sobre o que foi Venda Grande, escreveu Benedito Otávio para o "Almanaque de Campinas, 1912", o seguinte:

"...Mais ainda do que as lutas do período regencial, encontrou grande eco em meio da população campineira a famosa rebelião daquele ano de 1842. Seus principais moradores se dividiram, tendo os liberais de retirar-se da cidade, em vista da pressão exercida sobre eles pelos conservadores. Acampados a 5 e 7 quilômetros da povoação, num sobrado da antiga fazenda denominada Engenho da Lagôa, preparavam-se os ximangos para um ataque à cidade quando foram ali surpreendidos e derrotados pelos cascudos, em 7 de junho, daquele ano, resultando do encontro mortos, feridos e prisioneiros.

A esse combate se deu o nome de Venda Grande, nome de um estabelecimento comercial existente nos arredores".

Para maiores detalhes, ver a história da rua Boaventura Amaral.

Alaôr Malta Guimarães

VENDA GRANDE

Foi no solo campineiro que se deu, a 7 de junho de 1842, o combate da Venda Grande, provocado pelas paixões políticas durante o Governo Regional. Esse combate ficou conhecido por «Venda Grandes» pelo fato da existência de um estabelecimento comercial nos Arradoses. Sobre sua origem, relata Martins de Andrade, em seu livro, «A Revolução Liberal de 1842», que «o principal responsável pela deflagração do movimento foi o partido conservador, que conseguindo decretar a reforma de algumas leis, arremeteu-se e fortaleceu no poder. Ante o amanhã menosprezo aos princípios, houve como se acontecer em tais situações protestos populares, que dirigidos a S. M. I. não lograram êxito. Querria, o povo a destituição do Ministério então no poder e a revogação de certas leis absurdas então promulgadas.

Não satisfeitas as pretensões do povo, este não vacilou em lançar mãos de todos os recur-

sos ao seu alcance para fazer valer o seu direito. «Eis aí o verdadeiro motivo da Revolução Liberal de 1842». Campinas foi um dos principais centros de exaltação política. C. Dr. Ricardo Gumbleton Daunt comenta: «Este episódio histórico, hoje quase esquecido pelos campineiros, que teve ampla repercussão no Império, tem suas reminiscências do Distrito de Campinas, em Bairro, Freguesia e Vila», publicada em 1879 disse o que se segue». Não é pois, de admirar que o projeto do apelo às armas em 1842 a-chassasse aqui muita aceitação entre os liberais, posto que o elemento saquarema e português era também bastante forte para garantir às autoridades o exercício de suas funções na povoação. Ao governo coube a posse da Vila, mas grandes forças se conservaram em várias fazendas de importantes lavradores à espera do sinal da reunião. Não poucos campineiros foram a Sorocaba incorporar-se à força principal destinada a conquistar a Capital. Resolvendo os chefes do movimento em Campinas medir suas com as do Governo, foram reunindo seu povo no sítio conhecido pelo nome de Venda Grande, na estrada de Limeira, distante cerca de uma légua e meia de Campinas. Ali as tropas do governo prontamente as assaltaram, sem deixar-lhes o tempo preciso de se organizarem de modo que a vitória foi fácil e ingloria. Grande atraso ao município foi a consequência imediata desta última e mal planejada manifestação da moralidade e das recordações da antiga quase independência paulista contra a centralização e corrupção carioca democrática. Vários chefes de família foram obrigados a se homisarem por muito tempo. Outros sofreram prisão e muitos vexames, sofrendo a lavoura todos os prejuízos naturais de tal estado de cousas».

Narra Benedito Otávio, no «Almanaque Histórico e Estatístico», do ano de 1912, que «se renados os ânimos, após a anistia de 1844, Campinas paralisada durante a crise, recomeçava sua vida de atividade ainda que morosamente, pois golpe a ferira de modo profundo».

Não era para menos. A provocação fora bem grande... Além de suas forças...

Vem a propósito lembrar aqui, a título de divulgação, que no Bosque dos Jequitibás, perto do museu, há 2 peças (canhões) de guerra estiveram em ação no choqua descrito acima.



NOTICIA

COMBATE DA "VENDA GRANDE"

A 17 de maio de 1842, rompia em Sorocaba um movimento que entrou para a historia com o nome de Revolução Liberal e que foi sufocado no dia 20 de junho. Nessa data, segundo Azêvedo Marques, restaurou-se a ordem legal naquela cidade, com a extinção do governo rebelde, pelas forças do Exercito, sob o comando do General Lima e Silva, Barão e futuro Duque de Caxias.

Tomaram parte nesse movimento, entre outros, o então Coronel Rafael Tobias de Aguiar, os Senadores Feijó e Vergueiro, os Andradas, Paula Sousa, José Joaquim de Alcerda, Rodrigues dos Santos. Seus chefes Rafael Tobias de Aguiar e o Padre Feijó, eram juntamente com os demais companheiros, figuras proeminentes na vida publica Tobias de Aguiar, que se casaria, ali com a Marquesa de Santos, fora por duas vezes presidente da provincia. O Padre Antonio Feijó, que ocupara o cargo de Regente do Imperio, era um dos homens de grande prestigio na epoca. Espiritos inquietos não podiam certamente, depois de grandes atividades, ser jogados ao ostracismo ou permanecer folgadamente aposentados, dormindo sobre louros. Tinham que brigar. Todavia, a sedição que formentaram pouco durou, sendo logo julgada, com a prisão de todos os cabeças, à exceção de Rafael Tobias e Gabriel Rodrigues dos Santos, que se retiraram para o sul. Feijó, depois de preso, foi deportado para a provincia do Espirito Santo.

Um dos mais importantes episodios da revolução de 1842, foi o "combate da Venda Grande", nas proximidades de Campinas, no dia 7 de junho, quando Caxias destacou uma coluna de 200 homens para marchar em direção a Campinas, sob o comando do Ten. Cel. José Vicente de Amorim Bezerra. Em Campinas, os revolucionarios se encontravam no engenho da lagoa, onde existia um grande armazem conhecido por "Venda Grande". Foram eles apanhados de surpresa, num combate em que morreram 17 soldados, saindo 18 feridos.



RUA VENDA GRANDE

Ato de 07-novembro-1908



NO GIRO DO TEMPO

O DIA A DIA DA CIDADE DE HÁ TRINTA ANOS NO NOTICIÁRIO DO "CORREIO POPULAR"

No dia 8 de junho de 1953, entre outras notícias locais, publicou o "Correio" as seguintes:

O CHAMADO "COMBATE DA VENDA GRANDE"

No dia 7 de junho de 1842, portanto há 111 anos, como episódio da revolta do Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, chefe do Partido Liberal, aconteceu o chamado "combate da Venda Grande", de que ainda hoje se faz referência como capítulo heróico na crônica da velha Campinas. A verdade histórica, no entanto, é bem outra. A revolta paulista, contra o governo da Província, em 1842, embora os esforços do fazendeiro Antonio Manoel Teixeira, do sítio "Pau a Pique", a adesão do Padre Feijó e a ardorosa campanha do bacharel Reginaldo de Moraes Sales por toda a região, não conquistou a maioria do povo em Campinas.

O batalhão, organizado por Antonio Manoel Teixeira, e que em obediência a despacho de Rafael Tobias de Aguiar se concentrou na "Venda Grande", sob o comando do Capitão Boaventura do Amaral, não somaria mais que uns 200 piões, de ituanos, sorocabanos e campineiros. Sua missão era impedir a marcha de legalistas paulistanos pela estrada de Itú, a Sorocaba.

O ataque ao reduto da "Venda Grande", partiu mesmo de Campinas, tendo à frente o Tenente Coronel José Vicente de Amorim Bezerra, com a milícia da Guarda Nacional do Coronel Franco de Andrade e a jagunçada arrebanhada pelo Padre João José Vieira Ramalho, em Mogi-Mirim.

Civis, em sua maioria, inexperientes das coisas de guerra, os "chimangos" do Capitão Boaventura do Amaral, aboletados na "Venda Grande", se deixaram surpreender dormindo, na noite de 7 de junho de 1842, e foram massacrados, tomando na luta o próprio Capitão Boaventura do Amaral, que recusou render-se. Segundo relato do Juiz Municipal de Campinas, Dr. Felipe Xavier da Rocha, ao Governo da Província, caíram na luta, em "Venda Grande", "alguns vinte rebeldes", sendo numerosos os feridos e prisioneiros. Quanto à tropa legalista do Tenente Coronel Bezerra, teve de baixa tão somente dois mortos e nove feridos.

Mariano, o Velho

(Extraído do jornal "Correio Popular" de 08-junho-1983)

anpv/09/1984



RUA VENDA GRANDE

O chamado "Combate de Venda Grande", travado a 7 de junho de 1842 entre revoltosos liberais e forças imperiais, constitui-se num dos episódios da Revolução Liberal de 1842, comandada pelo Rafael Tobias de Aguiar e Diogo Antonio Feijó, eclodida contra o Partido Conservador. Consta que o Duque de Caxias, cujas tropas lutaram no combate de Venda Grande, passou por Campinas naquela oportunidade. Dessa luta participaram numerosos elementos de Campinas, aí destacando-se o Capitão Boaventura do Amaral Camargo, que morreu na ocasião. No local onde se verificou o combate, no antigo Engenho da Lagoa, hoje bairro dos Amarais, o Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, fez inaugurar em 28 de agosto de 1956 um marco, de granito rosa em base concreto.

Campinas e a Venda Grande

Odilon Nogueira de MATOS



A área urbana de Campinas, na direção da Estrada dos Amarais, já atingiu o local outrora denominado Venda Grande, sítio onde, a 7 de junho de 1842, as tropas imperiais infligiram a derrota final aos revoltosos do movimento que, naquele ano, eclodiu na província de São Paulo, sob a chefia do Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar.

O ponto preciso onde, na ocasião, existia velho sobrado (do qual parece ter-se originado o nome do local), sito nas proximidades de pequena lagoa, deverá constituir, quando as obras de urbanização estiverem concluídas, pequena praça, tendo ao centro o marco mandado erigir, em 1956, pelo Centro de Ciências, Letras e Artes. Todavia, sem desmerecer a iniciativa da prestigiosa entidade campineira, convém que a inscrição do referido marco seja complementada com mais alguns dizeres, para esclarecimento dos que visitarem o local. Com efeito, no marco lê-se apenas isto: "Combate de Venda Grande — 7-6-1842". E embaixo: "Homenagem do Departamento de História do C.C.L.A." Difícilmente alguém não familiarizado com as siglas campineiras decifrará tal inscrição, a qual, além do mais, nada esclarece quanto ao significado histórico da localidade. Mas, já é alguma coisa, pois sem isto ter-se-ia perdido a memória de um acontecimento tão vinculado às tradições da cidade e do qual, durante algum tempo, Campinas muito se vangloriou.

O episódio de Venda Grande tem sido relatado, com maior ou menor abundância de particularidades, por todos os que tem se ocupado do movimento de 1842: João Batista de Moraes, Amador Florence, Vilhena de Moraes, Aluísio de Almeida, Jolumá Brito, Celso Maria de Melo Pupo. Este último, em seu precioso livro sobre Campinas, dedica extenso capítulo ao assunto, além de já o ter tratado em outros trabalhos anteriores. De sua obra transcreveremos o seguinte trecho, que situa bem o importante incidente, no qual perdeu a vida, entre outros, Boaventura do Amaral, o bravo chefe liberal, cujo nome a municipalidade campineira perpetuou numa das ruas da cidade:

"Venda Grande tem sido para Campinas uma tradição estremecida; os antigos a ela se referiam com veneração, cultivando sua memória como a de um ato meritério, caro e merecedor de uma lembrança que se perpetuasse, que se transmitisse às gerações vindouras. Ouvimos na meninice a repetição de sua história, o sacrifício das vítimas imoladas, nomes dos que ali morreram, dos que, prisioneiros, desceram para Santos desfilando pela sua rua de Santo Antonio com destino ao cais de onde os navios os levaram para julgamento na Corte. Campinas viveu, através de gerações, o embate traumático de um movimento armado idealista que se extinguiu tristemente para os elementos locais, vencidos e vencedores; a anistia de 1843 e o retorno dos revolucionários aos seus lares não apagou o luto da gente campinense que o conservou em tradição familiar".

E adiante, transcrevendo, ainda, de Celso Maria de Melo Pupo:

"Contra a tropa legal que era de guerra dedicada a este ofício, e para a guerra armada e municiada, vinda de várias regiões do país, Tobias de Aguiar juntou civis, políticos liberais, gente do trabalho apenas adestrada no manuseio de armas de caça, pais de família reunidos para ocupar a capital da província e depor o presidente; o que procurara fazer num lento movimento fracassado nos planos de ocupá-la por forças da Freguesia do Ó, o que permitiu ao governo anteceder-se no domínio da cidade de São Paulo; com esta antecipação das forças governamentais, estava anulada a revolução dos liberais paulistas.

Ainda com os mais sólidos fundamentos para ação bélica, não se pode deixar de considerar a exacerbação de ânimos dos políticos e as soluções extremadas a que se entregaram, quando a prudência melhor aconselharia uma ação político-parlamentar vigorosa. Mas, escolhida por Tobias de Aguiar a ação revolucionária, cedo se convenceu ele da impossibilidade de sua vitória e passou, de ordem enérgica para se organizar a força de Campinas que teria de atacar São Paulo sob o comando dos irmãos Francisco e Luciano Teixeira Nogueira e de Antonio Rodrigues de Almeida, a retroceder para determinar apenas a defensiva. Assim mesmo com o ânimo dos chefes campinenses cujo cabeça, Antonio Manuel Teixeira, estava seguro de ocupar Campinas, sua tropa, cujo aspecto geral bem se harmonizava com o das demais tropas revoltosas, sofria limitação por ordem do mais alto comando, prudente por vê-la débil, como dizia Tobias em 7 de junho comunicando-se com Feijó.

Haviam os revolucionários se alojado no engenho da Lagoa, ou sítio do Teodoro, ou Venda Grande como dizia o vulgo. Aguardando reforços, receberam de Itu um pequeno contingente sob o comando do capitão Boaventura do Amaral Camargo que, sendo oficial de artilharia, tratou de se utilizar das duas peças que Antonio Manuel Teixeira havia trazido do seu engenho da Cachoeira. Com os homens vindos de Itu, veio também uma pecinha de artilharia imprestável, que ainda descansava no carro, quando os caçadores de Bezerra a encontraram na Venda Grande.

Quem estuda o mapa da região dos engenhos da Lagoa e do Chapadão, pode reconstituir o ataque desfechado de surpresa e a defesa precária que foi possível organizar. A estrada Campinas-Limeira, entrando nos terrenos do Chapadão, defletia para a esquerda em busca da sede deste engenho pelo qual passava, indo depois procurar o leito da atual Estrada dos Amarais, o que justifica a abertura de trincheiras em terras do Chapadão, ainda conservadas cuidadosamente pela unidade do Exército sediada nesta histórica fazenda. Estas trincheiras, evidentemente, destinavam-se à defesa contra tropas que marchassem pela estrada, único meio normal de alcançar, de Campinas, o solar da Lagoa. Mas a estratégia militar simulou um ataque de cavalaria por esta estrada e transpondo as trincheiras desguarnecidas, surgiu no alto do pasto, enquanto os fuzileiros, através do engenho do Monjolinho,



no qual não faltavam guias e informantes dedicados que teriam conduzido as forças legais, aproximaram-se do sobrado da Lagoa pelo flanco, escondidos na macega e surpreenderam os revoltosos com sarivadas de balas de fuzil de longo alcance".

Excusas pela longa citação, mas ela nos parece a mais indicada para o conhecimento das circunstâncias em que se desenrolou o combate de Venda Grande. Note-se que o nome popular "Venda Grande", com que era designado o Engenho da Lagoa ou sobrado da Lagoa, foi o que permaneceu nas páginas de nossa história. E convém que ele não desapareça. Seria o caso de solicitar-se à municipalidade que dê ao bairro que ali se está formando o nome de "Venda Grande", o qual também poderia figurar nos ônibus que o servem.

Ao contrário do que comumente se afirma, Caxias nunca esteve em Campinas, não tendo, pois, estado presente ao episódio final da luta. O grande cabo de guerra, então no início de sua brilhante carreira (tinha, na época, o título de Barão) viera a São Paulo mandado especialmente para dominar a chamada "revolução liberal", mas permanecera na capital da província, sendo as tropas imperiais, em Campinas, comandadas pelo coronel Amorim Bezerra.

No local do combate, foram os mortos enterrados provisoriamente, até que, depois, pudesse ser dado aos seus corpos local mais condigno. Ninguém, ao que parece, ficou sepultado na Venda Grande. Todavia a crença popular continua atribuindo ao local caráter de cemitério, e é justamente pelo nome de "cemitério da guerra" que o povo do bairro identifica o local onde o marco do Centro de Ciências foi erigido, e no qual, frequentemente, são acesas velas e colocadas imagens tochas, como se cemitério fosse.

Durante o Congresso da História que se realizou em Campinas em julho do ano passado, pretendíamos organizar uma visita ao histórico local. Todavia, passando por ele dias antes certificamo-nos de que nada teríamos a mostrar, a não ser o pequeno cômodo, onde se ergue o marco do Centro de Ciências, quase totalmente coberto pelo mato. Em palestra pública, realizada no Seminário promovido pelo SESC, denunciávamos esta situação de abandono. Dias depois, o Senhor Prefeito, que nos distinguira com sua presença na aludida palestra, declarou, também de público, que iria tomar as providências necessárias para complementar a urbanização do local. Esperamos, portanto, que o Cidadão Lauro Péricles Gonçalves, passando das palavras aos atos, possa dar a Campinas, em breve, mais um ponto de interesse histórico para mostrar aos visitantes. Mas, como dissemos de início, convém que a inscrição do marco seja complementada. Algo mais ou menos assim: "Venda Grande Neste local, a 7 de junho de 1842, as tropas imperiais infligiram a derrota final aos revoltosos da revolução liberal que, naquele ano, ocorreu na província de São Paulo" E a pracinha a ser formada no local, não poderá ter outro nome senão "Venda Grande".

"Correio Popular" de 04.09.1973

Venda Grande: o que significa para Campinenses

O historiador Odilon Nogueira de Matos, colaborador do CORREIO POPULAR, escreveu na publicação "Notícia Bibliográfica e Histórica" — órgão do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, um interessante trabalho sobre um episódio da história de Campinas, pouco conhecido, pouco divulgado, ou seja o chamado "combate da Venda Grande", que ocorreu no dia 7 de junho de 1842, num local próximo de Barão Geraldo, na Fazenda Santa Genebra, onde, naquele ano, as tropas imperiais infringiram a derrota final aos revoltosos do movimento que eclodiu na província de São Paulo, precisamente em Sorocaba, sob a chefia do brigadeiro Tobias de Aguiar.

MARCO

Por iniciativa do departamento de História, do Centro de Ciências, Letras e Artes, na época presidido pelo general Luiz Felipe da Silva Wiedmann, foi erigido um marco, em 1956, com os seguintes dizeres: "Combate de Venda Grande" — 7-6-1842 — E em baixo: "Homenagem do Departamento de História do CCLA."

O prof. Odilon Nogueira de Matos é de opinião que a inscrição do referido marco deve ser completada com algumas informações para esclarecimento dos que visitarem o local, que, por sinal, se encontra relegado no total abandono, existindo, porém, a promessa da Secretaria de Obras e Serviços Públicos e da Secretaria da Educação no sentido de ser urbanizada toda a área, que deverá se constituir num ponto turístico para a cidade, nos festejos do bicentário, no próximo ano.

O episódio

No trabalho em apuro, o prof. Odilon lembra que o episódio de Venda Grande tem sido relatado, com maior ou

menor abundância de particularidades, por diversos historiadores. Amador Florence, Vilhena de Moraes, Aluísio de Almeida, Celso Maria de Melo Pupo e outros. Ele transcreve um trecho do livro do sr. Celso Maria de Melo Pupo, que situa bem o importante incidente, no qual perdeu a vida, entre outros, Boaventura do Amaral, o bravo chefe liberal, cujo nome a Municipalidade perpetuou numa das ruas da cidade:

"Venda Grande" tem sido para Campinas uma tradição estremecida; os antigos a elas se referiam com veneração, cultivando sua memória como a de um ato meritório, caro e merecedor de uma lembrança que se perpetuasse; que se transmitisse às gerações vindouras. Ouvimos na meninice a repetição de sua história, o sacrifício das vítimas imoladas, nomes dos que ali morreram, dos que, prisioneiros, desceram para Santos desfilando pela rua de Santo Antonio com destino ao cais onde os navios os levaram para julgamento na Corte. Campinas viveu, através de gerações, o embate traumático de um movimento armado, idealista que se extinguiu tristemente para os elementos locais, vencidos e vencedores: a anistia de 1843 e o retorno dos revolucionários aos seus lares, não apagou o luto da gente campenense que o conservou em tradição familiar".

Mais adiante diz Celso Maria de Melo Pupo:

"Contra a tropa legal que era gente de guerra dedicada a este ofício, e para a guerra armada e municada, vinda de várias regiões do país, Tobias de Aguiar juntou civis, políticos liberais, gente de trabalho apenas adestrada no manuseio de armas de fogo, pais de família reunidos para ocupar a capital da província e depor o presidente, o que procurara fazer num

lento movimento fracassado nos planos de ocupá-la por forças da freguesia do Ó, o que permitiu ao governo anteceder-se no domínio da cidade de São Paulo; com esta antecipação das forças governamentais, estava anulada a revolução dos liberais paulistas.

Ainda com os mais sólidos fundamentos para a ação bélica, não se pode deixar de considerar a exacerbação de ânimos dos políticos e as solidões estramadas a que se entregaram, quando a prudência melhor aconselharia uma ação político-parlamentar vigorosa. Mas, escolhida por Tobias de Aguiar a ação revolucionária, cedo se convenceu ele da impossibilidade de sua vitória e passou de ordem energética para se organizar a força de Campinas que teria de atacar S. Paulo, sob o comando dos irmãos Francisco e Luciano Teixeira Nogueira e de Antonio Rodrigues de Almeida, a retroceder para determinar apenas a defensiva. Assim mesmo com o ânimo dos chefes campinenses cuja cabeça, Antonio Manuel Teixeira, estava seguro de ocupar Campinas, sua tropa, cujo aspecto geral bem se harmonizava com o das demais tropas revoltosas, sofria limitação por ordem do mais alto comando, prudente por vê-la débil, como dizia To-

bias em 7 de junho comunicando-se com Feijó.

Haviam-se os revolucionários alojado no engenho da Lagoa, ou sítio do Teodoro, ou Venda Grande como dizia o vulgo. Aguardando reforços, receberam de Itu um pequeno contingente sob o comandante do capitão Boaventura do Amaral Camargo que, sendo oficial de artilharia, tratou de se utilizar das duas peças que Antonio Manuel Teixeira havia trazido do seu Engenho da Cachoeira. Com os homens vindos de Utu, veio também, uma pecinha de artilharia imprestável que ainda descansava no carro que fora puchado pelos bois do Tristão, quando os caçadores de Bezerra a encontraram na Venda Grande".

Quem estuda o mapa da região dos engenhos da Lagoa e do Chapadão, pode reconstituir o ataque desfechado de surpresa e a defesa precária que foi possível organizar. A estrada Campinas-Limeira, entrando nos terrenos do chapadão, defletia para a esquerda em busca da sede deste engenho pelo qual passava, indo depois procurar o leito da atual da Estrada dos Amareiros, o que justifica a abertura de trincheiras em terras do Chapadão, ainda conservadas cuidadosamente pela unidade do Exército sediada nesta histórica fazenda. Estas



"Correio Popular" de 04.09.1973

fls. 2

Archeiras, evidentemente, des-
nham-se à defesa contra
tropas que marchassem pela
estrada, único meio normal
de alcançar, de Campinas, o
solar da Lagoa. Mas a estra-
tegia militar simulou um ata-
que de cavalaria por esta es-
trada e transpondo as trin-
cheiras desguarnecidas, "sur-
tiu no alto do pasto", enquan-
to os fuzileiros, através do
engenho do Monjolinho de
propriedade do presidente da
provincia, Barão de Monte A-
legre, no qual não faltaram
guias e informantes dedicados
que teriam conduzido as for-
ças legais, aproximaram-se do
sobrado da Lagoa pelo flân-
co, escondidos na macega, e
surpreenderam os revoltosos
com saraivadas de balas de
fuzil de longo alcance".

CAXIAS

Lembra o prof. Odilon que
o nome popular Venda Gran-
de, com que era designado o
Engenho da lagoa ou sobrado
da Lagoa (na expressão de
Celso Maria de Melo Pupo)
foi o que permaneceu nas pá-
ginas de nossa historia. E
convém que ele não desapare-
ça. "Seria o caso — diz o
prof. Odilon — que ao bai-
ro que ali se está formando
o nome de Venda Grande, o
qual também poderia figurar
nos ônibus que o servem.

Segundo Odilon, ao contrá-
rio do que comumente se a-
firma, Caxias nunca esteve

em Campinas, não tendo,
pois, estado presente ao epi-
sódio final da luta. O grande
cabo da guerra, então no iní-
cio de sua brilhante carri-
eira (tinha na época, o
título de Barão de Caxias)
viera a S. Paulo mandado es-
pecialmente para dominar a
chamada "revolução liberal",
mas permanecera na capital
da provincia, sendo as tropas
imperiais, em Campinas, co-
mandadas pelo bravo coronel
Amorim Bezerra.

MORTOS

No local do combate — li-
naliza o prof. Odilon — fo-
ram os mortos enterrados
provisoriamente, até que, de-
pois, pudesse ser dado aos
corpos, local mais condigno.
Ninguém, ao que parece, fi-
cou sepultado na Venda Gran-
de. Todavia, a crença po-
pular continua atribuído ao
local caráter de cemiterio e é
justamente pelo nome de "ce-
miterio da guerra", que o

povo do bairro identifica o
local onde o marco do Centro
de Ciencias foi erigido e no
qual frequentemente são aces-
sas vela e colocadas imagens
toscas, como cemiterio to-
se.

Vamos esperar, agora, que
as obras de urbanização al-
cancem Venda Grande. Mãos
à obra, dr. Pozzuto, muito
digno secretario de Obras e

Serviços Públicos. O local
recebe uma praça decente, bem
iluminada e com os diretos
sugeridos pelo prof. Odilon:
"Venda Grande — Nesta local,
a 7 de junho de 1843, as tro-
pas imperiais infligiram a
derrota final aos revoltosos
da revolução liberal que, na-
quele ano, ocorreu na Provin-
cia de São Paulo". Uma ideia
excelente, convenhamos.





terça-feira, 4 de Setembro de 1956

CORREIO POPULAR

EVOCAÇÃO HISTÓRICA

O episódio da Venda Grande através dos Registros e anotações das escrituras

Gondin da Fonseca: "A História do Brasil só estará completa quando nela for incluída a história da Venda Grande" marco de lutas e combates — Caxias não esteve em Campinas — Palavras de Benedito Otávio — Notas e observações — Alô Malta Guimarães —

Campinas, nos primeiros dias de 1842, segundo Jolúma Brito, era cercada de abundantes matas que a rodeavam e pelas grandes sesmarias transformadas em fazendas de café, depois do ciclo vitorioso da cana de açúcar, cultura esta que já entrava em declínio. Era a cidade, cabeça de Termo da 3.ª Comarca da Província. Tinha, por Delegado de Polícia, o cidadão Lourenço Antônio Leme, que também exercia o cargo de juiz municipal. Eram, juizes suplentes, o Sargento-Mór Antônio Xavier de Brito, que também exercia o cargo de Coletor; Miguel Ribeiro de Camargo; Cândido Gonçalves Gomide; Raimundo Álvares dos Santos Prado Leme — o segundo deste nome — escrivão da Coletoria e Secretário da Câmara; tinha, como solicitadores, Caetano José da Silva Costa Pessoa, Manoel Joaquim do Sacramento Matos, Joaquim Xavier de Oliveira, Dr. Francisco de Assis Pupo e Dr. Sampaio Peixoto — este, o proprietário da Olaria Imperial, cujos tijolos vêm sendo retirados das demolições que o Honório Chimalnazzo executa na cidade, em cumprimento ao plano de urbanismo em elaboração pela atual administração, e que vem impressionando a todos. A posse desses tijolos está sendo vivamente disputada pelos moradores da cidade e até mesmo de fora, isto por constituir, não só uma rica peça histórica de um passado glorioso, mas também por se tratar de tijolo fabricado em Campinas, há muitos anos e cujo acabamento em muito se assemelha aos atuais tijolos cerâmicos.

Vamos além:

"Era Escrivão do Fôro, Joaquim Roberto Alves; Comarante do Destacamento, Francisco Alves dos Santos; peritos em xameca e ferimentos, os "zuricões" Laudelino Ferreira da Silva e Manoel José Ladeira da Silva Guimarães. A cidade era dividida em 6 distritos de Paz. Na parte religiosa, existiam as irmandades do S. Sacramento, de N. S. das Dores e de S. Benedito. Existiam duas igrejas: Matriz Velha, em ruínas, a do Rosário, e a Capela de Santa Cruz. Havia 3 escolas públicas; 90 engenhos de açúcar, algumas fazendas de café, 16 engenhos de serra e 6 fazendas de criar; um cemitério para sepultamentos de escravos e pessoas do povo — os mais abastados eram sepultados no corpo da igreja; 1 sociedade dramática; 1 farmácia, sendo uma do célebre botânico Joaquim Corrêa de Melo (Joaquinzinho da Botica);

mais de 100 vendas, inúmeros botecos, duas dezenas de armazéns, cerca de mil prédios e 12 mil habitantes. O progresso por aqui era tão grande, que um campineiro, Custódio Manoel Alves apresentara interessante trabalho topográfico sobre a cidade. O comércio da rua de baixo (Luzitana), cedera seu lugar ao da rua do Meio (Dr. Quirino). A rua do Rio, tivera, tempos após, o nome de "rua da Ponte" e, ali, nas proximidades, existia uma bica de água para beber o que se chamava a "Bica do Juca Aleijado". Havia a rua da Matriz, o Beco do Caracol, que passava próximo à residência do ex-Regente Feijó. Foi por esse tempo que se abriu a rua Formosa (Conceição), dando frente à Matriz Nova (Catedral) que se levantava paulatinamente; mais acima, a rua das Formigas. Quasi no fim da rua das Casinhas (General Osório), onde existiam os estabelecimentos para o retalho de carne verde, havia um grande brejo e mais abaixo, um córrego onde as lavadeiras escravas iam lavar roupa.

Assim era Campinas de então. A Vila de S. Carlo, desde a época da retirada do Rei para Lisboa, tornara-se um vasto campo político e foi aí que se iniciou uma época tormentosa e difícil na vida pública campineira e que, por largos anos, perdurou até atingir o seu clímax em 1842.

Não vamos reproduzir aqui toda a história da Venda Grande, tão notavelmente contada por Jolúma Brito na Separata da "Revista do Arquivo", Vol. CXLV, em 1952, em 76 magníficas páginas.

Passemos, agora, a outros autores:

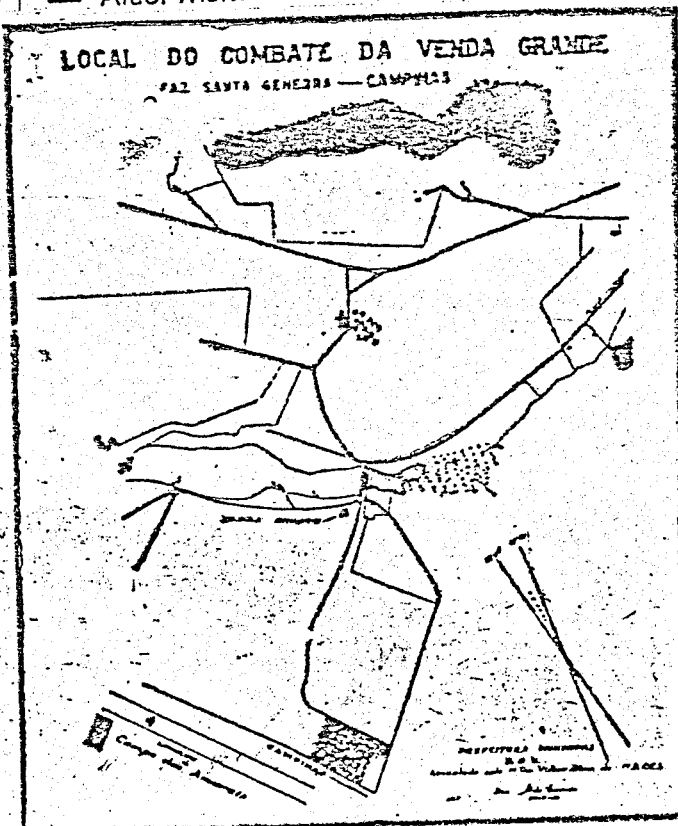
Segundo "Gondin da Fonseca", a História do Brasil só estará completa quando nela for incluída a História da Venda Grande.

"Raul de Maio", (J.J. Scusa Martins) em excelente artigo para o "Correio Popular" de 7 de outubro de 1953, falando de Campinas, disse:

"... Entre as efemérides que nos ligam à história de S. Paulo e, conseqüentemente, à do Brasil, enquadra-se a de 7 de junho de 1842 — Combate da Venda Grande, travado entre liberais e conservadores em terras campineiras.

O fato tem sido narrado e enaltecido por penas brilhantes. Dentre os trabalhos divulgados transcrevo:

"... Outros grupos, vindos de Limeira, onde se achava o Senador Vergueiro, de Mogi Mirim e



de outras localidades do interior, dirigiam-se para Campinas, devendo todos reunir-se no local denominado Venda Grande, na Fazenda da Lagôa (Engenho da Lagôa), pertencente aos herdeiros de Teodoro Tomás Leite, cerca de uma légua da cidade". (Omar Simões Magro, — "Os apuros de um chimango", 1842), do livro "Mulheres Perigosas".

"Há um século exatamente, numa tarde fria, nas terras do caminho de Limeira, lá estava o "Engenho da Lagôa", — cercado da bonita mata de exuberante luxúria, da vegetação verde que fazia destacar, quasi em meio de uma clareira, a "Venda Grande". Um antigo solar de Teodoro Ferraz Leite..." (Jolúma Brito — Venda Grande — Correio Popular de 7 de junho de 1942).

Pois bem. Movido pela curiosidade patriótica de conhecer o célebre local onde tombaram os 17 heróis dessa jornada histórica, e guiado por pessoa amiga, conhecedora da região, dirigi-me, há dias, à Ventosa, na Fazenda Santa Genebra, a fim de visitar o local da Venda Grande, onde, segundo me informara o gentil acompanhante, existia uma placa comemorativa. Lá estava, entretanto, caída ao chão, em abando-



no, uma rústica tabuleta de madeira, inexpressiva, com dizeres quasi completamente apagados. Nada encontramos ali que evocasse aquele episódio expressivo, eloquente, na história da gente campinense, tão rica de exemplos edificantes de civismo!"

Ouvimos de alguém, que Caxias esteve aqui em Campinas por ocasião do Combate da Venda Grande. Duvidámos.

J. Davi Jorge (Aimoré), esse incansável pesquisador e competente cronista de "A Gazeta", de S. Paulo, revolvendo os Arquivos do Estado, encontrou farta documentação a respeito da estada de Caxias no Estado de S. Paulo e, dessas pesquisas, extraímos:

"... No maço no 83 (Comandante da Guarnição), na Pasta de 1842, encontra-se a correspondência do Barão de Caxias, referente à Revolta de 1842. Examinando estes documentos (do todo 59), podemos seguir o itinerário, que o Comandante e Chefe das Forças Legais fez, desde 21 de maio de 1842 até 20 de julho do mesmo ano. Podemos, desde já, adiantar que, no dia em que se deu o ataque ao arraial da Venda Grande (distante de Campinas uma légua), o General Caxias se encontrava acampado com sua força na Ponte dos Pinheiros, nos arredores da Capital. No célebre combate da Venda Grande (7 de junho de 1842), o Comandante das Forças Legais era o bravo Tenente-Coronel José Vicente de Amorim Bezerra, e o chefe rebelde, que pereceu na luta, o cidadão Antônio Joaquim Viana. Como se sabe, a vitória coube a tropa chefiada por Amorim Bezerra. Vejamos, porém, as datas dos ofícios de Caxias, e das localidades por onde passou nesses dias, dias lutosos que foram para a então Província de S. Paulo: 1842, 21 de maio, Santos; 24 de maio, Pinheiros; 26 de maio, Ponte Pinheiros; 31 de maio, acampamento dos Pinheiros; 3 de junho, Ponte dos Pinheiros; 6 de junho, S. Paulo (Capital); 7 de junho, Ponte dos Pinheiros (neste dia feriu-se o Combate da Venda Grande); 8 de junho, Ponte dos Pinheiros, etc., até que, no dia 20 de julho, ele aparece com correspondência de Guaratinguetá."

Mais além, prossegue J. Davi Jorge: "... No Dia 19 de julho de 1842, Caxias foi nomeado, por Decreto Imperial, Comandante em Chefe das Forças em frágil derrota que sofreram os revoltosos na Venda Grande, no dia 7 de junho de 1842. Há, sem dúvida alguma, devido às operações em Minas Gerais, as manobras geniais do grande chefe de guerra, Barão de Caxias, denominado o Pacificador".

Em carta dirigida ao Barão de Monte Alegre, Presidente da Província de S. Paulo, ao referir-se à Venda Grande, disse Caxias: "Apresso-me em levar à presença de V. Excia. o incluso ofício do Tenente-Coronel José Vicente de Amorim Bezerra, comandante do corpo da direita, pelo qual verá V. Excia. o brilhante triunfo que alcançaram as forças Imperiais em número de quatrocentas praças; rogando a V. Excia. me devolva hoje mesmo o dito ofício, a fim de que amanhã possa publicar a respectiva Ordem do Dia; pedindo V. Excia. ficar na certeza, de que vou já dar as convenientes ordens, para que se não pare em tão bom ensejo. Deus guarde V. Excia., Quartel General nos Pinheiros, 8 de junho de 1842. Barão de Caxias".

Em 17 de junho, em novo ofício, ao referir-se a Campinas, disse:

"... Em marcha, e projetando acampamento neste ponto, fui informado, pelo cirurgião ajudante Gomide, que nesta data oficia a V. Excia. de que os rebeldes, aterrados pela derrota que sofrerão na cidade de Campinas, e pelas manobras audazes que hei praticado, abandonarão completamente a cidade de Itú e a Vila de Porto Feliz; em consequência do que, ordenei ao Co-

ronel José Leite Pacheco, comandante da coluna do centro, que a marcha forçada, fosse àquelas duas importantes povoações, devendo operar sobre a cidade de Sorocaba, caso assim convenha; e avançando eu, ficarei hoje, além da Vila de S. Roque, e amanhã por noite, ou, na madrugada do dia 19, me apresentarei à frente da referida cidade de Sorocaba, que baterei caso os rebeldes, ousem encerrar minhas tropas. Ao Tenente-Coronel Bezerra, já por duas vias lhe ordenei, que marchasse sobre a supradita cidade de Sorocaba; porém como tais ofícios possam ter sido interceptados pelos rebeldes, rogo a V. Excia. que oficiando ao predito Tenente-Coronel, lhe ordene que, a marchas forçadas, siga na direção que lhe indiquei, porque qualquer demora de sua parte poderá comprometer o movimento combinado etc."

Como viram os leitores, Caxias não esteve em Campinas.

Agora, vejamos o que disseram os autores sobre o que foi Venda Grande. São de Benedito Otávio as seguintes palavras, extraídas do Almanaque de Campinas, em 1912:

"... No dia 6 de junho de 1842, chegaram a Campinas 200 soldados (chamados piriquitos), sob o Comando do Tenente-Coronel Amorim Bezerra. Parte dessa tropa marchou, no mesmo dia, para um local nas proximidades de Campinas, chamado Venda Grande, onde, no dia 7, deu-se o Combate da Venda Grande. Nesse lugar havia o Engenho da Lagôa, de propriedade do Capitão Teodoro Leite Penteado, sogro do dr. Francisco de Assis Pupo".

E mais além:

"... Mais ainda do que as lutas do período regencial, encontrou grande eco em meio da população campineira a famosa rebelião daquele ano de 1842. Seus principais moradores se dividiram tendo, os liberais, de retirar-se da cidade, em vista da pressão exercida sobre eles pelos conservadores. Acampados a 5 e 7 quilômetros da povoação, num sobrado da antiga fazenda denominada Engenho da Lagôa, preparavam-se os ximangos para um ataque à cidade quando foram ali surpreendidos e derrotados pelos casados, em 7 de junho daquele ano, resultando, do encontro, mortos, feridos e prisioneiros".

Vejamos, agora, o que nos conta Martins de Andrade quanto à participação de Boaventura do Amaral, em seu livro "A Revolução de 1842":

"... Pouco ou nada conhece o povo brasileiro do movimento irrompido em 1842. Para uns, o motivo não foi outro senão a ambição do mando, da posição, enquanto que, para outros, o movimento foi inspirado em apenas um ideal: "conservar em vigor os princípios até então vigentes".

O principal responsável pela

deflagração do movimento foi o partido conservador que, conseguindo decretar a reforma de algumas leis, armou-se e se fortaleceu no poder. Ante menos-prêzo aos princípios, houve, como sóe acontecer em tais situações, protestos populares que, dirigidos à S.M.I. não lograram êxito.

Queria, o povo, a destituição do Ministério então no poder e a revogação de certas leis absurdas então promulgadas. Não satisfeitos as pretensões do povo, este não vacilou em lançar mão de todos os recursos ao seu alcance para fazer valer o seu direito. Eis aí o verdadeiro da Revolução de 1842.

Não foi uma revolução de qualquer um, pois, apareceu nela o próprio Regente Feijó, que relevantes serviços prestou à Nação e à S.M.I.

Como os rebeldes continuassem a provocar a tensão de nervos da população receiosa de um ataque à Capital, resolveu, Caxias, dar-lhes uma sortida, pondo-os a descoberto.

Dois ataques sucessivos, nos dois primeiros dias de junho obrigaram os revoltosos a abandonar as suas posições, pondo-se à distância da Capital. Como eles se recusassem a aceitar o combate, a tropa legalista resolveu apertar-lhes o cerco, forçando-os à capitulação. Sob ordem do Comandante Geral, segue para CAMPINAS, em marcha forçada, o Tte-Coronel Amorim Bezerra, com a incumbência de tomar a cidade que os revoltosos pretendiam dominar.

Este militar, já por vezes várias, havia de distinguido em lutas pelas províncias do nordeste, destacando-se pela coragem e sangue frio nos combates.

Deixando S. Paulo no dia 3

de junho, já entrava pela manhã do dia 6, a Força Legalista, em Campinas, surpreendendo os rebeldes que se aproximavam da cidade. Ciente de Bezerra de que estes preparavam um ataque à Força sob o seu comando, resolveu ir-lhes ao encontro. Deixou Campinas a 7 de junho, evitando, dessa forma, dar combate naquela cidade. Ao aproximar-se da Venda Grande pôde observar os aprestos de guerra dos revoltosos. Enquanto tomavam posição, assentando artilharia em pontos estratégicos aguardavam eles o reforço que lhes viria juntar. Bezerra ordena, então, uma sortida. Apesar da superioridade numérica do inimigo, não perde tempo. Tenta envolvê-lo de surpresa. Mas, os revolucionários, mal pressentindo a aproximação de tropa adversa, dispõem-se a oferecer combate.

Logo a cavalaria, sob o Comando de Pedro Alves de Siqueira, toma posição, enquanto a primeira carga é disparada. Os revolucionários que, sob o Comando do Capitão do Exército Boaventura do Amaral, se achavam bem intrincheirados, respondem ao fogo da artilharia, sem dar tréguas. Passado, porém, algum tempo, de fogo cerrado os rebeldes começam a afrouxar as descargas, tornando-as intermitentes.

O Comando Legalista percebe que o inimigo já se sente desanimado. Aproveitando o momento psicológico para um combate mais decisivo, resolve precipitá-lo. Abandonando suas posições, põem-se os revoltosos a recuar, fugindo agora à luta. Mais encorajado ante a fraqueza do inimigo, Bezerra, com o auxílio do Tte Godfrey e do Capitão Siqueira, todos bravos e decididos, avança resolutamente

"O Episódio da Venda Grande através..."

- fls. 3 -

sobre o inimigo. Os revoltosos que não têm o mesmo preparo bélico e a confiança precisa no manejo das armas, põem-se em debandada. Na fuga, deixam no campo armas e munições, sofrendo 17 baixas de mortos e 15 prisioneiros nas mãos dos Legalistas. Estes perderam somente dois homens.

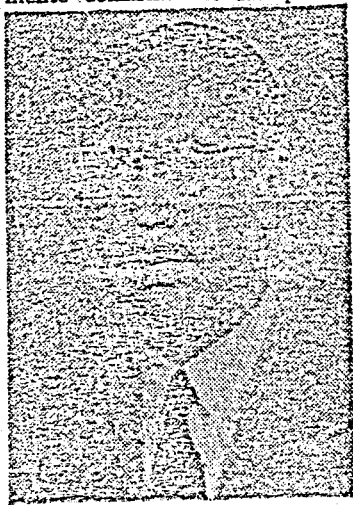
O comandante da coluna rebelde, o Capitão Boaventura do Amaral, foi mortalmente ferido nesse combate, preferindo sucumbir para não ficar marcada a sua honra de soldado.

E, para finalizarmos esta série de transcrições, eis o que escreveu em "Um Idealista Realizador — Barão Geraldo de Rezende" — Amélia de Rezende Martins, filha do proprietário do Engenho de Lagoa, depois Fazenda Monjolinho, atualmente Fazenda Santa Genebra.

Amélia de Rezende Martins, essa grande campineira, orgulho das gentes desta terra, que teve toda a sua infância e mocidade no local que foi palco da tragédia a que nos referimos neste comentário, nos consta:

"... No ano de 1842, deu-se, nas proximidades, a escaramuça da Venda Grande, em terras da Fazenda Monjolinho, e onde, do meu tempo, existiam ainda um resto de ruínas, indicando apenas o local desse feito histórico, levante de Minas e de São Paulo, contra o Ministério do jovem Imperador, então apenas emancipado.

A maioridade de D. Pedro II devia pôr termo às lutas do período regencial; mas as esperanças não foram tão prontamente confirmadas. Ao primei-



Alaôr Malta Guimarães

ro Ministério, chamado Ministério da Maioridade, de existência efêmera, sucedeu o de 23 de março que procurou reunir elementos de concórdia. Mas as províncias continuavam descontentes, e foi quando se deram os levantes, dos quais, o de São Paulo terminou com o combate da Venda Grande. O desejo de ver em paz essa província teria sido, provavelmente, o motivo da primeira visita do Imperador a Campinas, em 1846".

A 7 de junho de 1902 a imprensa publicou o seguinte:

VENDA GRANDE

7 de junho de 1902 — 7 de junho de 1842..

Passa hoje o 60.º aniversário do combate entre forças revolucionárias e legais havido em terras da Fazenda Monjolinho, ora propriedade do Barão Geraldo de Rezende. Relativamente à data daremos amanhã um folhetim, em verso.

Em 1942, uma comissão identificou o local onde se deu o Combate da Venda Grande e ali colocou um marco de madeira. O tempo que tudo destrói, incumbeu-se de liquidá-lo. Assim, a passagem do primeiro centenário da histórica data foi solenemente comemorada, em nosso Teatro Municipal, usando da palavra, na ocasião, o historiador Jolumá Brito e o cidadão José Ribeiro de Almeida.

Agora, passados 114 anos, vai novamente ser assinalada e comemorada a epopéia histórica de 1842. Campinas é, atualmente, sede de duas guarnições militares, e em se tratando de epopéia militar em que tomou parte ativa o próprio Duque de Caxias, naturalmente, ao Exército cabe agora a incumbência de zelar por esse local, conservar a sua tradição, passá-la às gerações futuras, até que os responsáveis pela História Pátria se resolvam a incluí-la em definitivo na História do Brasil, sem o que, ela nunca estará completa.

Os nossos modestos parabéns a esse bravo e patriótico militar, o Tte-Coronel Luis Felipe Wiedmann que, chamando a si a incumbência de rememorar esse fato histórico, solicitou e obteve a colaboração de José de Castro Mendes (Zeka), Jolumá Brito (João Batista de Sá), João Lannaro, o simpático e combativo Vereador da nossa magnífica Edilidade, Celso Maria de Melo

Pupo, um dos grandes da nossa história, o Coronel Solon, digníssimo Administrador da Fazenda Chapadão, e do Tenente Vilas Boas, este, autor da planta da localização do Combate da Venda Grande.

Desnecessário será dizer que, se a primeira pesquisa para a localização exata do local foi infrutífera, na segunda, foram os membros da Comissão muito bem sucedidos e, graças a isso, o local foi encontrado à esquerda da estrada dos Amarais, a 6 quilômetros da cidade de Campinas, nas proximidades do Campo dos Amarais.

No dia 25, Dia do Soldado (Dia de Caxias), inúmeras solenidades militares foram realizadas nas tropas sediadas em Campinas. Dentre elas está a do assentamento do marco alusivo à data de 7 de junho de 1842, Combate da Venda Grande, mas, desta feita, um marco de pedra, portanto em condições de suportar as intempéries.

Segundo aprendemos quando da prestação do Serviço Militar, "A Nação é do Exército e o Exército é da Nação". O Combate da Venda Grande foi pelo bem da Nação. Nele o Exército envolveu sob a orientação do maior dos soldados brasileiros, Caxias. Assim, o local da Venda Grande deve passar à propriedade da Nação e ser carinhosamente guardado pelas tropas nacionais sediadas em Campinas.

A esse formidável militar que toda Campinas admira pela brilhante orientação que dá aos seus comandados — aqui não temos aborrecimentos com recusas indisciplinadas —, o Coronel Serafim Migueis, doador do pedestal onde foi erguido o marco assinalador da epopéia de 1842, o muito obrigado de Campinas e nosso apelo para que consiga do Exmo. Sr. Ministro da Guerra a aquisição do local onde será colocado o marco assinalador da epopéia da Venda Grande e que o Exército, a cada 25 de Agosto — Dia do Soldado —, conte à tropa o que ali aconteceu, mantendo, assim, sempre acesa a chama do amor à Pátria e a perpetuação dos nossos fatos históricos, hoje tão pouco lembrados, venerados e até mesmo respeitados.

Campinas saberá ser grata a vocês, do Exército.

Nota: — O desenho que ilustra o presente comentário foi elaborado pelo pessoal do Departamento de Obras e Viação da Prefeitura, a quem apresentamos os nossos agradecimentos.

